

TERÇA FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 1925

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2112

Para que serve o exército português?

Há números que, na sua rigida expressão, valem mais do que todas as palavras. Dizer-se que a administração do Estado capitalista é incompetente e proclamar uma verdade incontestável, ler-se na eloquência dos números de um orçamento essa incompetência é provar essa verdade.

Inúmeras vezes aqui temos afirmado que os governantes burgueses têm pela instrução pública o máximo desprêzo, pela cultura do povo a mais afrontosa das indiferenças. Mas não basta afirmá-lo, é preciso demonstrá-lo com números — é fácil.

Um golpe de vista sobre a proposta orçamental para 1925-26 que temos em nosso poder é o bastante para se avaliar do critério que preside à distribuição dos dinheiros públicos. Por ela verifica-se que em Portugal os governantes atribuem mais importância à manutenção de um exército perfeitamente inútil, caricato, incapaz mesmo de defender eficazmente este minúsculo país.

Por ela verifica-se que em Portugal os governantes atribuem mais importância à manutenção de um exército perfeitamente inútil, caricato, incapaz mesmo de defender eficazmente este minúsculo país.

Os deportados João Ferreira, Mário Fontainhas e José Soares que tentaram evadir-se, conforme informámos anteontem, foram detidos na Madeira. Os evadidos vão seguir, novamente, para África, visto que não conseguiram, por suas próprias mãos, anular a situação desumana e ilegal em que encontravam nesse arquipélago trágico, nesse arquipélago da fome que é Cabo Verde.

Como os três deportados que se evadiram vieram até à Madeira no África, este vapor que ontém chegou à Lisboa, recebeu fora da barra a visita dos espertíssimos e formidáveis Javerts do governo civil. A presença daqueles homens a bordo foi tristemente assimilada por uma série de violências e vexames praticados contra passageiros e contra um tripulante daquele barco.

Os deportados viajaram, até serem detidos, em 3.ª classe, naturalmente porque o dinheiro não lhes chegava para viagem em 2.ª. A polícia entendeu logo, com aquela rapidez de pensamento que lhe é peculiar que todos os passageiros de 3.ª deviam ser considerados como deportados que viajasse com nomes supostos e com aquela desenvoltura sinistra que possue, prenhe de atraso.

Entre os passageiros detidos contam-se Severino Souto que traz o seu passaporte devidamente autenticado, para embarcar para a América do Norte, onde vai em busca de trabalho; António da Silva Cabral, fabricante de calçado, que vem com passagens pagas pelo Estado e Adelino Borges que regressa à metrópole, por conselho médico.

Interrogado sobre estas prisões um dos passageiros fez a um jornal da noite esta declaração sucinta que amplamente define a facilidade com que a polícia priva qualquer pessoa da liberdade:

“Não sei porque fomos detidos. A polícia olhou para mim e para estes meus companheiros de viagem e deu-nos ordem de prisão.”

Como se vê, o caso foi extremamente simples. A polícia não esteve com o mínimo embaraço. Não lhes preguntou os nomes, não lhes examinou os passaportes. Um simples olhar bastou — para os tirar para dentro dum imundo e inabitável calabouço do governo civil.

Segundo declarou esse passageiro a polícia, na Madeira, passou uma busca ao navio e não encontrou nenhum passageiro que tivesse o nome dos três deportados. Esse facto deu-se porque os três fugitivos vinham com nomes supostos e traziam os seus papéis em ordem. Devido a isso a polícia ordenou a prisão de dois passageiros. Foi então que os três deportados se descontrairam, avançando para a polícia e declarando-lhes:

“Somos nós quem os senhores procuram. Esses homens estão inocentes.”

Isto só prova que a estupidez da polícia da Madeira corre paralelas com a de Lisboa.

Também foi preso o encarregado da 3.ª classe do África que declarou não lhe caber nenhuma culpa em trazer os deportados a bordo, visto que se tratava de passageiros que traziam os seus documentos em ordem. A tripulação do navio quiz abandoná-lo, vindos toda para terra em sinal de protesto pela prisão do encarregado da 3.ª classe.

Resta agora saber se são exercidas cobardes represálias sobre os três deportados que, ao tentar evadir-se, outra coisa não faziam senão acabar com uma situação ilegal, excepcionalmente odiosa em que os tinham colocado.

Veremos se novas crueldades não virão a tomar mais odiosa a mais criminal das medidas de exceção até hoje tomadas. Desde já avisamos os seus inspiradores e os seus executores que desassombroadamente verberaremos qualquer crime que, por mesquinharia vingança, venha a ser praticado.

Por ordem superior foram «hospitalizados» numa esquadra dois presos atacados de sarna!

Por se terem manifestado alguns casos de sarna, o Comissário da Polícia de Segurança Pública ordenou que fossem retirados os calabouços 6 e 7 do governo civil ao presos sociais que ali se encontravam e que aquele calabouço se fizesse uma rigorosa desinfecção. Achamos bem, mesmo muito bem.

Já que não houve o bom senso de evitar o arbitrio que representa a larga detenção daqueles operários, haja, pelo menos, o bom senso de evitar que todos os presos sejam atacados de sarna. Se nos agrada esta determinação tanto não sucede com as medidas das autoridades em relação aos presos sarossos.

Quando tudo indica que aqueles presos fossem hospitalizados, a polícia hospitalizou na esquadra da Mouraria, que de barbearia a estabelecimento de sarnosos tem servido, Celso Pinto Marques dos Santos e José Pedro Franco, que são os individuos atacados de sarna.

Porque procedeu assim à polícia? Explique-nos ontém o seu órgão O Século. Os presos eram perigosos e pretendiam evadir-se. Logo recolheram à esquadra da Mouraria e lá iriam todos os dias ao hospital de S. José receber o tratamento anti-sarna.

Esta medida tem tanto de imbecil como de desumana. Não lembraria à polícia dos outros países. Com receio de que um preso se evada, a polícia deixa de hospitalizar um sarnoso que contagiaria todas as pessoas com quem vive! E ainda não satisfaz com essa genial determinação, estabelece para os detidos o regime de fome que nos é revelado na carta que a seguir reproduzimos:

Camarada redactor — O que vamos nar-

A fuga dos três deportados

A polícia deteve ontem, arbitrariamente, os passageiros e o encarregado da 3.ª classe do vapor “África”

Os deportados João Ferreira, Mário Fontainhas e José Soares que tentaram evadir-se, conforme informámos anteontem, foram detidos na Madeira. Os evadidos vão seguir, novamente, para África, visto que não conseguiram, por suas próprias mãos, anular a situação desumana e ilegal em que encontravam nesse arquipélago trágico, nesse arquipélago da fome que é Cabo Verde.

Como os três deportados que se evadiram vieram até à Madeira no África, este vapor que ontém chegou à Lisboa, recebeu fora da barra a visita dos espertíssimos e formidáveis Javerts do governo civil. A presença daqueles homens a bordo foi tristemente assimilada por uma série de violências e vexames praticados contra passageiros e contra um tripulante daquele barco.

Os deportados viajaram, até serem detidos, em 3.ª classe, naturalmente porque o dinheiro não lhes chegava para viagem em 2.ª. A polícia entendeu logo, com aquela rapidez de pensamento que lhe é peculiar que todos os passageiros de 3.ª deviam ser considerados como deportados que viajasse com nomes supostos e com aquela desenvoltura sinistra que possue, prenhe de atraso.

Entre os passageiros detidos contam-se Severino Souto que traz o seu passaporte devidamente autenticado, para embarcar para a América do Norte, onde vai em busca de trabalho; António da Silva Cabral, fabricante de calçado, que vem com passagens pagas pelo Estado e Adelino Borges que regressa à metrópole, por conselho médico.

Interrogado sobre estas prisões um dos passageiros fez a um jornal da noite esta declaração sucinta que amplamente define a facilidade com que a polícia priva qualquer pessoa da liberdade:

“Não sei porque fomos detidos. A polícia olhou para mim e para estes meus companheiros de viagem e deu-nos ordem de prisão.”

Como se vê, o caso foi extremamente simples. A polícia não esteve com o mínimo embaraço. Não lhes preguntou os nomes, não lhes examinou os passaportes. Um simples olhar bastou — para os tirar para dentro dum imundo e inabitável calabouço do governo civil.

Segundo declarou esse passageiro a polícia, na Madeira, passou uma busca ao navio e não encontrou nenhum passageiro que tivesse o nome dos três deportados. Esse facto deu-se porque os três fugitivos vinham com nomes supostos e traziam os seus papéis em ordem. Devido a isso a polícia ordenou a prisão de dois passageiros. Foi então que os três deportados se descontrairam, avançando para a polícia e declarando-lhes:

“Somos nós quem os senhores procuram. Esses homens estão inocentes.”

Isto só prova que a estupidez da polícia da Madeira corre paralelas com a de Lisboa.

Também foi preso o encarregado da 3.ª classe do África que declarou não lhe caber nenhuma culpa em trazer os deportados a bordo, visto que se tratava de passageiros que traziam os seus documentos em ordem. A tripulação do navio quiz abandoná-lo, vindos toda para terra em sinal de protesto pela prisão do encarregado da 3.ª classe.

Resta agora saber se são exercidas cobardes represálias sobre os três deportados que, ao tentar evadir-se, outra coisa não faziam senão acabar com uma situação ilegal, excepcionalmente odiosa em que os tinham colocado.

Pedimos, por não termos dinheiro, para nos ser dada comida e a resposta que obtivemos, é que só nos seria fornecido 450,00

para alimentação.

Compreende, perfeitamente, o que podemos comer com essa importância mandando vir da taberna, bastando que lhe diga que no governo civil os moços levam 500 centavos por qualquer recaudo que não vá além da rua do Capelo.

Em face disto resolvemos não aceitar nada ficando aqui à mercê do que a nossa existência possa resistir por nos ser preferível morrer em 8 dias, passando fome, a morrermos num sofrimento constante, em meses.

Garantimos sob nossa honra que nada aceitaremos enquanto nos não seja fornecida alimentação suficiente ou nos enviem a tribunal. Estamos nesta situação desde 18, às 20 horas. — Os presos acusados de «legionários» Celso Pinto Marques dos Santos e José Pedro Franco.

Além de privados do tratamento convencional, os presos signáriam os cartas que o leitor acabou de conhecer foram igualmente privados dum alimento compatível com a sua condição de presos preventivos.

Nenhum tribunal ainda condenou os encarcerados na esquadra da Mouraria a um regime de fome.

Todavia a polícia que deve possuir maior número de aqueles detidos na alma do que aqueles detidos na epiderme, omnipotente, senhora absoluta, ordena que os detidos morram de fome e ninguém lhes vai a mão!

Quando tudo indica que aqueles presos

fossem hospitalizados, a polícia hospitalizou na esquadra da Mouraria, que de barbearia a estabelecimento de sarnosos tem servido, Celso Pinto Marques dos Santos e José Pedro Franco, que são os individuos atacados de sarna.

Porque procedeu assim à polícia? Explique-nos ontém o seu órgão O Século. Os presos eram perigosos e pretendiam evadir-se. Logo recolheram à esquadra da Mouraria e lá iriam todos os dias ao hospital de S. José receber o tratamento anti-sarna.

Esta medida tem tanto de imbecil como de desumana. Não lembraria à polícia dos outros países. Com receio de que um preso se evada, a polícia deixa de hospitalizar um sarnoso que contagiaria todas as pessoas com quem vive!

E ainda não satisfaz com essa genial determinação, estabelece para os detidos o regime de fome que nos é revelado na carta que a seguir reproduzimos:

Camarada redactor — O que vamos nar-

Novas divisões “unitárias” em diversos partidos comunistas

Segundo uma tese publicada na *Humanité*, de 19 de Setembro último, «sobre a situação política», parece que estamos em vésperas de novas divisões em vários partidos comunistas europeus.

E tal a preocupação “unitária” destes organismos, que tudo leva a crer que brevemente muitos deles estarão de facto reduzidos à unidade.

Assim na referida tese escreve-se o seguinte:

«A análise dos factos prova também que o nosso partido lançou os «mots d'ordre» correspondentes à situação política e económica, que foram compreendidos pelas massas operárias, e que as críticas sistemáticas formuladas pela fracção da direita são injustificadas. Esta fracção da direita que se recusou a condonar como anti-comunista e contra-revolucionário o «núcleo» da «Revolução Proletária», revelou-se mais uma vez perfeitamente social-democrata, tanto na tática de fronte única que ela nos propõe realizar com os chefes sociais-democratas para lutar contra a guerra de Marrocos, como na sua crítica dos nossos «mots d'ordre» de fraternização e de evacuação do Marrocos, que ela classificava de «inopportunos».

Se a sua tarefa anti-comunista não obteve grandes resultados, no seio do partido, ao contrário, a sua actividade convergente com a do «núcleo» da «Revolução Proletária», prosseguiu no seio dos sindicatos, lançou

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

TOUROS DE MORTE

O que os fidalgos nunca conseguiram no tempo da monarquia, conseguem-no os "novos ricos" da República.

Causou bastante sensação o nosso protesto publicado nas colunas de *A Batalha* contra a vilania praticada na praça de touros de Santarém, em que se estóqueou um boi brutalmente, barbaramente, imbecilmente, por entre os aplausos dos engravatados e por entre os protestos ruidosos do Zé do sol que ainda, ao que parece, não possuem aqueles requintes de bom gosto e de civilização, portadores da admiração e do gôzo de ver martirizar um animal, apesar pelo prazer de... vêr sofrer a impotência bruta, contra a ferocidade consciente.

Porque, justo é confessá-lo, e para honra da cidade de Santarém se publica, em todos os centros de cavaco onde se discute a célebre corrida à espanhola, com um *dickest* que, em França, talvez não passe de um simples magarefe, os que pretendem justificar ou defender o bárbaro espetáculo, estão sempre em minoria. E, esses poucos, na sua fúria de arranjar argumentos que nos façam calar a voz da indignação, mais que justa e humana, apelam para os nossos sentimentos altruístas, dizendo-nos que—apenas com espetáculos como estes—é que a Misericórdia de Santarém pôde manter o seu hospital, pois só assim a praça se enche. Não colhe, porém, tal argumentação infeliz.

Já é de si bem triste que uma casa que se fez para mitigar dores e sofrimentos humanos, precise viver à custa das dores e sofrimentos conscientemente infligidos a um dos mais úteis animais que auxilia o homem nos árduos trabalhos do campo. A simples tourada com bandarilhas já de si revela a pouca dose de sensibilidade e humildade dos homens que a defendem; quanto mais quando esse tipo espetáculo, herança triste dos círcos da antiguidade, na decadência romana, é agravado com os rojões ou com a espada, ainda que ela seja empunhada por quem o sabe fazer.

No momento em que o governo, a pedido da Sociedade Protectora dos Animais e, comercialmente, para atender as justas reclamações dos industriais de couros e peles, proíbe o uso bárbaro do agulhão, mantendo-o ou substituir pelo chicote, como se faz em África onde se vêm carros puxados a 20 horas, todos eles manobrando intelligentemente os simples somos dos estádios do chicote, nesse momento é que as autoridades da República, olhando a lei com o mais absoluto desprezo, e as determinações da cima com a mais completa indiferença, permitem que se levem a efeito espetáculos, reveladores dos mais preveros instintos!

Não pode ser! O crime conscientemente praticado pelas autoridades de Santarém não pode ficar impune.

Não temos a menor confiança na nobreza dos sentimentos do sr. presidente do Ministério, tentas vezes apregoadas. Ele que continua a fazer ouvidos de mercador aos protestos contra essa ignomínia das deportações sem julgamento, ele que consegue que continuem presos, sem culpa formada, durante meses e meses, homens cujo crime é cair no desagrado dos janizários da polícia, ele que permite o uso do *cavalo marinho* como argumento convincente na descoberta dos crimes por esses comissários da polícia, não se incomodará muito com a morte dos touros em Vila Franca, em Santarém, em Salvaterra e, daqui a pouco, em Lisboa, se houver quem nisso se meta.

Ele, o sr. presidente do Ministério, que consente no encantamento dos homens dentro das esquadras, sem que se possam defender os seus alzões, não deve sentir-se muito impressionado com o facto de se rotacionarem os bois nas arenas, perante o estúpido gargalhar da nobreza bacalhoeira dos últimos tempos.

Confusão nos e o sr. G. Civil de Lisboa havia perguntado ao seu delegado em V. Franca de Xira quem é que dera autorização para que se matassem bois numa das últimas corridas. Pergunta imbecil ou antes de uma hipocrisia sóis.

Pois não sabe o sr. G. Civil de Lisboa quem autorizou a morte dos touros?

Não sabe o G. Civil de Santarém quem autorizou o estoqueamento de um touro?

Sei-o eu e vou dize-lo ao Presidente do Ministério, para que ele não perca tempo a colher informações oficiais que são sempre tão exatas e verdadeiras como um célebre telegrama eleitoral fixado nos placares do Século e Diário de Notícias em Santarém sobre a linha telefónica:

Quem autorizou esses crimes repugnantes foi o sr. Governador Civil de Lisboa, deixando rojear os touros que, se não caiam, na praça, a vista do público, iam acabar lá dentro, esvaindo-se em sangue, contorcendo-se de dores.

Quem autorizou a morte do touro em Santarém foi o sr. Governador Civil, fuginho para Lisboa, depois de ter combinado com os seus representantes fazerem vista grossa ao que se passasse na corrida e mandando para lá, para simples testa de ferro, o chefe Francisco Pedro.

Acabo de ver nos jornais que o sr. Mário Forte proibiu a corrida de Salvaterra. Foi para salvar as apariências e para se sangrar em saúde. É muito tarde. Nem o G. Civil de Santarém precisava de proibir o que é proibido; bastaria castigar os que prevaricaram. S. Ex.^a que ainda não foi capaz de proibir o jogo, como quer ter autoridade para proibir hoje o que ontém autorizou?

Serra FRAZÃO

Um protesto da Liga de Defesa dos Animais

O senador Rodrigo Guerra Alves Coimbra, presidente do conselho directivo da Liga Nacional de Defesa dos Animais, acompanhado dos restantes membros do mesmo conselho, foi ontém entregar ao ministro do Interior um veemente protesto contra os deprimentes factos ocorridos nas últimas touradas realizadas em Vila Franca e Santarém, indignos desta civilização.

Na ausência do ministro, o presidente da Liga conferenciou com o director geral daquele ministério, a quem pediu para serem expedidas ordens terminantes às autoridades de Salvaterra de Magos para não ser permitida a repetição do que se passou em Vila Franca, anunciado até já na imprensa.

A reclamação da Liga foi muito bem recebida e imediatamente comunicado ao ministro o pedido de severa repressão de futuros atentados às leis do país e ao sentimento do povo português, que não se coaduna com as crueldades inutéis das touradas.

A generosidade dos salvadores do país em vésperas de eleições

LEIXÓES, 16.—A agitação eleitoral bate, nessa vila, o «recorde» da violência. Não contentes com insultarem-se mutuamente na imprensa local, procurando anichar o maior número possível de... «salvadores», nas cadeiras do poder, os senhores políticos tentam agora explorar um outro filo que, a conseguem os seus fins, lhes dará fartas colheitas. Faz-se aqui, entre os chamados desportistas, grossa propaganda para a eleição de homens amigos do sport (?) aos lugares vagos de camaristas. Pretendem os politiqueros vigarizar os novos votantes fingindo interessar-se pelos «robustecimento da raça» mas no fundo, não procurando mais do que anichar homens que em breve começaram a utilizar para a satisfação dos seus interesses. Que, ao menos, e já é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores. Em seguida Carlos Guimarães, que fala em nome da comissão administrativa da Escola e Biblioteca, recorda o que foi o inicio da escola, e a fé que nela depositaram os seus fundadores para levantar o prestígio da classe ferroviária do norte. Quando acenderam este facho de luz, e que os seus continuadores procuraram desenvolver, foi para que o professor ensinasse os alunos a Fé o evangelho da Fraternidade, que é o símbolo do amor, para que cumpram o código da Solidariedade, lei do dever. Lembra a passagem do 17.º aniversário do fusilamento de Ferrer, afirmando que esta é simultaneamente de luto e de satisfação.

O velho propagandista da organização Serafim Lucena Cardoso, que é recebido com uma salva de palmas, principia por historiar o significado das duas comemorações, e, fazendo referência à vida de Ferrer, assevera que ele foi martirizado por ser um amigo da Instrução, talvez o maior.

Desenvolveu detalhadamente o que se passou nessa semana sangrenta de 1906, em Espanha e refere-se às repressões governativas e aos manejos da reacção. Atuando ao ensino racionalista, definis os seus métodos positivos do ensino, a arte na escola e a orientação geral da educação, —afirmado: a instrução deve sempre andar de par e passo com a propaganda, educando e organizando. Falou seguramente mais de uma hora, felicitando também os ferrovários pela fusão das duas associações, que classifica de exemplo salutar para o prestígio da nobreza da corporação.

Manuel dos Santos Ivo, é recebido com uma salva de palmas, em nome do organismo que representa, disserta sobre a orientação geral da educação, afirmando que o ensino profissional e o ensino clássico, refletem bem o conflito social em que as sociedades se debatem e se dividem.

Assevera que o ensino clássico é para os ricos e o profissional é para os pobres.

Nesta colectividade anarquista, efectuou-se, na preterita terça-feira, uma sessão comemorativa do bárbaro fuzilamento de Ferrer, a qual foi desusadamente concorrida por assistência selecta de ambos os sexos.

Nesta sessão, que foi presidida pelo nosso camarada José Rodrigues Reboredo, falaram, além destes Adolfo de Freitas, Vieira Alves, Costa Carvalho e Inácio Martins. Todos os oradores se referiram largamente à nefasta ação do jesuitismo, inimigo acrônimo da educação moderna; aos crimes monstruosos da igreja, cometidos, através os tempos contra o Pensamento Humano; e à reacção capitalista-militar que se desenvolve por todo o mundo. Foi posta em relvô a actividade revolucionária de Francisco Ferrer e Guardia quer como pedagogo, quer como propagandista, cuja obra de esclarecimento idealista, foi o pretexto de que o tradicional «maura-laciervista» se serviu para assassinar o grande Educador nos malotes foscos de Montjuich.

A ditadura riverista, bem como a mussolini —não sendo esquecida a situação reaccionária dos nossos políticos— foram duramente criticadas.

Foram aprovados os seguintes documentos:

O povo operário do Porto reuniu em sessão pública a convite do Centro Comunitário Libertário, para recordar a morte do Apóstolo da Revolução Social, resolve:

1.º Protestar contra a guerra de Marrocos, por esta representar a maior afronta à liberdade dos povos;

2.º Lavrar o mais energico protesto contra a pena de morte;

3.º Saírad todos os indivíduos e organismos que, envolvidos nas lutas da emancipação social, sofrem as violências do despotismo estatal.

O povo operário do Porto, reuniu em sessão comemorativa da morte de Francisco Ferrer, a convite do Centro Comunitário Libertário, resolve:

1.º Protestar contra as ditaduras de Primo de Rivera em Espanha e Mussolini em Itália;

2.º Dar conhecimento d'este protesto aos respectivos ministros de Espanha e Itália em Portugal;

Foi igualmente aprovado um aditamento para que o protesto seja extensivo contra as deportações, exigindo-se o imediato regresso dos sobreviventes da tirania republicana, e a libertação dos presos que gerem nos ergástulos da República portuguesa.

A sessão terminou aos vivas à Liberdade, organização operária e revolucionária, etc., etc.

Francês sam mestre por GONÇALVES PEREIRA 1 volume de 400 páginas 15\$00 Pelo correio 16\$00. Pedidos à administração de «A Batalha».

FOTOGRAFIAS do Congresso Confederal

Na nossa administração encontram-se à venda fotografias do Congresso Confederal, ao preço de 10\$00.

Satisfazem-se todos os pedidos que vêm acompanhados da importância respectiva e mais \$50 para parte de correio.

Leia o Suplemento de «A Batalha»

Ha União Ferroviária

Uma sessão solene comemorativa do aniversário da Escola e Biblioteca

Com grande assistência realizou-se no dia 13, pelas 20 horas, na sede desta colectividade, uma sessão solene comemorativa da passagem do 2.º aniversário da criação da escola e biblioteca e para inauguração da fotografia de Ferrer.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

Aberta a sessão, o secretário da escola, depois de saudar a assistência, convide para assumir a presidência o sr. António Augusto Moreira, presidente da U. F., que é secretariado pelos srs. Artur França, tesoureiro da direcção, e Lino José da Silva Guimarães, representante directo da delegação de Viana do Castelo. O presidente explana o significado daquela festa, tendo palavras de louvor para os seus promotores.

As janelas da sede da U. F. tinham um grande deslumbrante e as paredes da sala da União e da Escola também se encontravam engalanadas com colchas palmas e alegorias que traduziam a alegria e entusiasmo por essa comemoração.

'A Batalha' na província e arredores

Mina de S. Domingos

Propaganda eleitoral—A estranha moral dum gerente

MINA DE S. DOMINGOS, 15.—Um ex-administrador fúrambulo... Assistimos sem que fossemos notados a uns efusivos abraços distribuídos crômes na melhor das intenções, pelo sr. Sá Pereira que se fez acompanhar dum fúrambulo que já foi delegado do governo vivendo durante todo o tempo que foi autoridade em amistosissimas relações com os maiores e mais declarados inimigos do operariado. Entre outras pessoas aproximaram-se da Sá Pereira alguns operários da Mina e o Secretário do Sindicato que nos afirmou cumprimentar com satisfação, nessa localidade aquele secretário que quando das perseguições da gerência da Mina algo se esforçou porque a sua prisão se não mantivesse. Sabemos que a vinda de Sá Pereira se prende com uma próxima viagem de propaganda... eleitoral e segundo informes que obtivemos, por cá vir também, o ex-governador civil que a-pezar de muito legalista não conseguiu fazer com que a Empresa das Minas desse cumprimento ao "farapo" n.º 10.782, (dizemos "farapo" localmente aplicando a palavra) que em parte deveria contribuir para que a mesma Empresa não praticasse descabidas exceções.

Sá Pereira que alia politicamente não podemos tomar em consideração deve já conhecer os trampolinos que aparentemente procuram testemunhar-lhe grande simpatia e em breve ha-de notar que a hoste esquerdisto do Concelho como de resto todas as hostes políticas deste burgo Feudal não são dotados de vontade própria e aos seus dirigentes sobre só a Moral fúrambulesca... para se declararem esquerdistas!... E que se de facto existem boas intenções éstes pormenores são precisos—por aqui existem simplesmente aspirantes ao republicano.

Foi ontem despedido dos trabalhos da Mina um operário que já vinha sendo perseguido pelo canalha Rich, pelo simples mas honroso motivo de prestar todo o seu concurso ao Sindicato dos Mineiros. Agora o novo... gerente que gosa das simpatias gerais (?) do correspondente do *Diário de Notícias*, despediu aquele operário, porque encontrou um leve mas plausível motivo? Não. Este gerente soube apenas "pegar" porque o referido operário não era casado mas sim amancebado!... Sim. Oh, sarcasmo!... O gerente da Mina não se convence que os inúmeros filhos de um casal sejam testemunho suficiente de que vivem juntos dois seres de sexo diferente e por este processo tabela o pão cotidiano dos mineiros!...

Messines

Uma subscrição com maus fins — Um protesto dos corticeiros

MESSINES, 15.—Acabamos de ler no último numero do jornal "O Messinense", a notícia de que está aberta uma subscrição pública nessa freguesia cujo produto se destinaria, metade para as despesas a fazer com a construção de uma cavalariça para a G. N. R. dando a Câmara a metade restante.

Pois seria mais útil que pensasse em comprar uma carroça para fazer os despejos desta povoação.

Os operários corticeiros de Messines reunidos em assemblea geral para tratar de assuntos referentes à classe e mais questões de interesse resolveram protestar contra o assalto à sede da C. G. T. e a *Batalha*, pela polícia.

Foi aprovado em sinal de sentimento 1 minuto de silêncio pelos camaradas que faleceram na Guiné, e pela morte de Luís António de Carvalho, inteligente e dedicado militante operário.

Vila Nova de Gaia

Um jornal socialista (?) que defende a baixa de salários e os senhorios

VILA NOVA DE GAIÀ, 16.—Mão amiga trouxe-nos um dos últimos números de "A Luz do Operário", jornal que se publica semanalmente em V. N. de Gaia. Já sabemos que "A Luz do Operário" se diz socialista, defendia a "outras" os interesses das "fórcas vivas" cá do burgo. O que não julgávamos porém: é que no referido jornal e viesse aberta e descaradamente defender

para o areal do rio, que uma margem bastante escarpada ocultava a seus olhos.

Qual não foi a surpresa da guerreira! ela não vê na praia senão cinco ou seis barcos grandes e alguns barcos pequenos; impele o cavalo para o rio até meio corpo, a fim de interrogar um velho marinheiro que estava sentado à popa de um dos *chalan*s; ela é informada que, por volta da meia noite, um capitão veiu requisitar os barcos para o serviço do exército real.

O vento era favorável e este capitão tinha ordem, segundo ele disse, de fazer seguir a flotilha para Blois, onde ia buscar reforços. Muitos dos arrais, entre outros aquele que estava falando com Joana, tinham respondido que não se mexeriam da sua amarração sem que recebessem contra-ordem dos vereadores; mas o capitão ameaçando os marinheiros que lhes causaria os maiores males se elas recusassem obedecer-lhe, o maior número cedeu à intimação, julgando além disso que efectivamente se tratava de ir buscar reforços a Blois.

Seis *chalan*s apenas, sem contar alguns pequenos barcos, tinham ficado ancorados perto da margem.

Essa nova maquinção do cavaleiro pungiu o coração da guerreira sem contudo abater a sua coragem, sem perturbar a sua presençade espírito; as suas tropas, graças ao número de barcos com que ela contava, deviam ser postas em terra em duas ou três viagens; mas achando-se os meios de transporte reduzidos a um terço, seriam precisas oito ou dez viagens para operar este desembarque. Ela perdia um tempo precioso com todas estas contrariedades; os ingleses, apesar de sem dúvida os seus movimentos do alto do reduto, e notando o pequeno número de barcos de que ela dispunha, podiam muito bem tentar uma sortida, repelir este desembarque marchando sobre a praia antes que todas as tropas tivessem tempo de tomar terra ou de se formar em linha de batalha.

Joana apreciava o perigo extremo da sua posição, mas longe de desanimar, sentiu pelo contrário que lhe era preciso redobrar em audácia e sangue frio, por

MARCO POSTAL

Farol — Agente — Recebido 447\$91.
Lisboa — R. V. — Renovação saiu, sim senhor.
S. Marcos da Serra — A. B. — Diário e Suplemento pagos até 21 de Outubro.
Terrugem — Ass. Rurais — Diário e Suplemento pagos até 22 de Outubro.
J. M. M. — Diário pago até 31 de Agosto.
M. J. C. — Suplemento pago até 30 de Setembro.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 6,49
T.	13	20	27	Desaparece às 17,55
Q.	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	1	8	15	22 29
S.	2	9	16	23 30
S.	3	10	17	24 31

MARES DE HOJE

Praiamar às 4,17 e às 4,35
Baixamar às 9,47 e às 10,05

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$25	95\$50
"		
Madrid cheque..	2\$83	
Paris, cheque..	88	
Suíça,	3\$81	
Bruxelas cheque	90	
New-York, "	19\$70	
Amsterdão "	7\$93	
Itália, cheque...	7\$9	
Brasil, "	2\$94	
Praga, "	5\$9	
Suécia, cheque.	5\$30	
Austria, cheque	2\$80	
Berlim, "	4\$71	

ESPECTÁCULOS TEATROS

Polióteatro — A's 21,30 — O Leão da Estrela.
Epiol — A's 21,15 — O Saltimbancos.
Mário Pitol — A's 20,30 e 22,30 — Rataplans.
Coliseu — A's 21 — Companhia de circo.
Salão São... — Animatógrafo e Variedades.
Jurema — A's 21,30 — "Irmãos" e A. Cládia.
Gil Vicente (à Graça) — A's 20 — Animatógrafo.
Ereno Parque — Todas as noites — Concertos e diversões.

CINEMAS

Olimpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema Condé — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Esperança — Chantecleer — Tivoli — Tortoise.

a baixa de salários e os interesses maléficos dos senhorios, que não dizer do autor dos dois artigos que se ouvia no anónimo, mas que conhecemos muito bem, festejando como Job.

Não fôsse o autor dos supracitados artigos, taberneiro, proprietário e industrial; não defenderia tão acrirmemente a baixa de salários e os senhorios! E a Luz das fôrmas-vivas... perdão! do operário... consente que nas suas colunas se defendam os interesses de taberneiros, proprietários e industriais! Podera! pois se o seu Diretor é "força-viva"... Mas como nos revoltamos tudo isto! São indivíduos destes cabras que se propõem defender os interesses dos trabalhadores, pedindo-lhe votos para que possam chegar ao pedestal camarário e de lá ditarem as suas leis cheias de socialismo! mas só se for barriguita!

Que meditem os trabalhadores de Gaia.

Evora

A fonte do Largo de S. Domingos em ruínas

EVORA, 15—No largo de Aviz, dispersos por toda a parte, encontram-se os diferentes pedaços de mármore que formavam a fonte que existiu no largo de S. Domingos, e que uma vereação que passou pelo Câmaras mandou arrancar.

Essa fonte hoje, não é nada; são pedras soltas, que o rapaz frequentador do largo de Aviz, vai partindo e inutilizando para sempre.

Quando se lembrará a Câmara de reparar aquela selvajaria de uma sua antecessora.

— A atual Câmara mandou há tempos, há mais de dois meses construir o cano de esgotos da Rua das Adegas, e até hoje, a referida rua ainda se mostra por calcetar, o que constitui um perigo para quem necessariamente por ela tenha que transitar.

O amontoado de terra e pedras que ali se encontram, no inverno, com a rúa mal iluminada, dará azo a algumas quedas que podem ser graves. — C.

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS
 em boas fazendas de lâ com bons forros desde **159\$00**
IMPREMIURIS INGLESES com linto e capuz, desde **169\$00**
CAPAS ALENTEJANAS desde **199\$00**
CALÇAS desde **40\$00**
ABATIMENTOS PARA REVENDA
O CHAVES DO CONDE BARÃO
 170, Rua da Boavista, 172

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridato de yohimbina quimicamente pura
do dr. R. Wolff — Berlin

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem efeitos secundários. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de tantíssimas substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários nos rins.

Rumerosas confirmações individuais e atestam, assim como afestados médicos

Resultados garantidos para ambos os sexos

Não confundir com este produto com outros similares

Envia-se oculto — Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Pedidos ao Agente e Depósito geral para Portugal e Colônias

Fernando da Silva

188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

A. VENDA SÓ NESTAS CASAS:
EM LISBOA: Farmácia MENDES BRAGA, 123, Rua do Mundo, 125. — Farmácia PORTUGAL, Lda., Rua Augusta, 218
NO Porto: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 3r de Janeiro, 103

As operários empreiteiros de obras de construção

Vendem-se madeiras de pinho nacional de 1.ª qualidade em tóscos e aparelhadas, janelas, portas, caixilhos e todos os materiais para construção, incluindo ferragens e executam-se trabalhos que dizem respeito a serração e carpintaria mecânica, dando-se orçamentos gratis, concorrendo-se em toda a espécie de trabalhos.

Preços resumidos com desconto aos revendedores.

Rua D. Estefânia, 111 e 113 — Horta das tripas, 2 e 3

“HERPETOL”

→ Dá um (—)

Alívio instantâneo

SOFRE DE COMICHAO provocado pelo ECZEMA e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de HERPETOL fará desaparecer rapidamente a comichão.

O HERPETOL CURA. A atestá-lo temos os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A ação do HERPETOL é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germens que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para limpar os polegos de ESCALFAS, ERUPÇÕES, MORDEDURAS DE INSETOS, ECZEMAS HUMIDO E SECO e CROSTAS DURAS.

Não hesite e compre um frasco de HERPETOL o melhor remédio que até hoje apareceu.

A' venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 257, 2.º.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulado Amor maldito, de Federico Urtez. Preço, \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

Chapa ferro preta e zinada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

80, R. DO IMPÉRIO, 86 — LISBOA — TELEFONE 2554

OS MISTERIOS DO POVO

20-10-1925

Isso, cheia de confiança na sua missão divina, disse consigo, segundo o seu proverbo favorito: *Ajuda-te... o céu te ajudará*.

O sol levantava-se por detrás das colinas arborizadas do Loire e das cortinas de choupos que assombravam as suas margens, quando as primeiras fileiras dos milicianos chegaram à praia. A sua angustia foi grande à vista do pequeno número de barcos que os esperava; porém, Joana, não lhes dando tempo para reflexionar, exclamou:

— Que os mais ousados me sigam! os outros virão depois!...

Isto foi bastante para que todos se arremessassem aos barcos, a fim de serem contados pela heroína no número dos mais ousados, ela entregou o cavalo a um criado e meteu-se num dos barcos pequenos, sómente acompanhada pelo seu escudeiro, pelo seu pagem e

A BATALHA

A CRISE DO SINDICALISMO FRANCES

AS SUAS CAUSAS E OS SEUS REMÉDIOS
A que é devida actualmente a crise que devasta o movimento operário internacional e particularmente o sindicalismo francês?

A muitas razões, a desvios que emanam dos reformistas e dos políticos. Em devido tempo, todos estes factos foram apontados, infelizmente, sem qualquer resultado.

Hoje, estamos em pleno «gachis»; é precisamente o momento, como certos o fazem, de imitar o gesto de Pôncio-Pilatos; não é preferível encarar o mal bem de frente, e aplicar imediatamente um remédio energético?

A crise actual do sindicalismo revolucionário tem a sua origem muito longe, data do dia em que a secção das Bólicas de Trabalho foi suprimida em benefício das Federações Nacionais de Ofícios e Indústria sa velha C. O. T.

Esta marcha rápida para a centralização, «Os Comitês Nacionais Confederados» matou, paralizando completamente a iniciativa dos sindicatos, das Uniões Locais e das Bólicas de Trabalho; as directrizes do movimento, partindo exclusivamente do véspera, deixaram de ser a expressão da base, e cis a primeira manifestação do desvio da obra de Peltourier.

Por outro lado, o programa mínimo foi de tal forma reduzido que o sindicalismo perdeu o seu valor revolucionário, e deixou de ser o animador capaz de arrastar e de entusiasmar a maioria dos trabalhadores.

Quando o sindicalismo, não revisto, não desviado, lançava apelos à revolta contra o patronato, contra o Estado, contra o militarismo, contra o patriotismo e contra o capitalismo mundial a todos os miseráveis do trabalho, era com fé, com coragem que as minorias activas respondiam pronto ao apelo; hoje, não acontece o mesmo. Os primeiros «desviadores» são os autores responsáveis da crise do sindicalismo.

Nessa época os anarco-sindicalistas apontaram o perigo. Que se lhes pode censurar hoje?

Depois a crise acentuou-se: evolução para o centralismo, para o colaboracionismo, participação na defesa nacional e, agora, apropriação absoluta pelos partidos políticos e particularmente pelo partido comunista, de todo os organismos sindicais.

Neste ponto, os anarco-sindicalistas levantaram-se particularmente contra a subordinação do movimento económico: foram os primeiros a dar o grito de alarme, mesmo na época dos Comitês Sindicalistas Revolucionários. Sempre de acórdão com o precursor das Bólicas de Trabalho, F. Peloutier, os anarco-sindicalistas consideram que o sindicalismo nada tem a ceear do anarquismo que prossegue fins libertadores, e que não devem ser postos em pé de igualdade com os centralistas do partido bolchevista.

Os anarco-sindicalistas dão tóda a sua actividade ao movimento operário, são federalistas, são os guardas cíos da autonomia do movimento sindicalista, são pela organização dos trabalhadores, e trabalham com todas as suas forças na reconstrução da unidade operária dentro do sindicalismo revolucionário, regenerando, tirando a sua vida e a sua actividade da própria fonte do trabalho. É para esta tarefa urgente e indispensável, que nos convidamos todos os trabalhadores. Então talvez possamos agir sindicalmente e revolucionariamente contra o capitalismo, contra o fascismo assassino e contra o estado burguês.

J. S. BOUDOUX.

O "desenvolvimento" da instrução em Coimbra

COIMBRA, 18.—Há um camarada nosso que tendo três filhos na idade escolar, resolveu mandá-los para a escola para receberem a conveniente instrução.

Dirigindo-se à Escola Oficial de São Bartolomeu, no sentido de matricular as crianças, e quando julgava, naturalmente, que o seu desejo seria satisfeito, recebe, pelo contrário, a decepção de tornar a trazer os pequenos para casa, pois, segundo o professor-regente, a lotação estava completa e não podia assim, aceitar mais alunos.

Os motivos por que aquele camarada não pôde matricular seus filhos, são muito aceitáveis, concordamos. Mas, um pai que deseja que seus filhos recebam ao menos a rudimentar instrução que para si se dá, não tem culpa que a população escolar aumente. O Estado é quem tem a estrita obrigação de remediar estes inconvenientes, aumentando o número de escolas.

Este camarada, que é operário e, por consequência, do seu trabalho unicamente vive, verificou que uma grande parte das crianças que freqüentam aquela escola, são filhas de comerciantes e proprietários, cujos pais bem podiam mandá-las educar em colégios particulares.

Claro, que com isto não queremos defender o critério de que se deve preferência na entrada das escolas oficiais aos filhos dos pobres. Somos, pelo contrário, da opinião que a instrução deve ser dada sem distinção de classes. Mas, o que de maneira alguma pode ser permitido, é que um indivíduo pobre fique impossibilitado de dar educação a seus filhos, estando os filhos dos ricos a estorvar-lhe esse desejo.

Há ainda a atender que a lei obriga todo o cidadão a mandar os seus filhos à escola, estabelecendo até pesadas penalidades para os refractários.

De maneira que num caso idêntico ao que estamos expondo, fica um indivíduo numa situação melindrosa: querer cumprir com a lei e o Estado. Não lhe facilita os meios para isso, não cumpre e caiem-lhe então em cima por desobediência!..

Inilicemente que tudo isto é fantasia porque bem sabemos que a lei é letra morta neste assunto. Que o digam as crianças de 10 anos e menos, que arrastam a sua miserável infância por essas fábricas e oficinas, e que são completamente analfabetas!

... e passa-se isto num país onde há 3.000 professores sem colocação, a par com uma percentagem pavorosa de analfabetos!... C.

ASSINEM OS mistérios do Povo

AS GREVES

A das Chacineiras de Aldeagalega

Os sindicatos locais prestam-se para um movimento de solidariedade a favor das grevistas

ALDEAGALEGA, 17.—A greve das chacineiras continua imperturbável. Não faltam industriais a pretender induzir as grevistas a retomar o trabalho nas condições pelos mesmos estabelecidas, chegam mesmo anadar de porta em porta colhendo assinaturas de grevistas para aquele efeito. Como elas nada assinam, preenchem elas mesmo as listas com nomes, tendo o cuidado de colcar à cabeça as mais conhecidas como rebeldes para que as restantes se convençam e caiam no vulgaríssimo «vigário»...

Mais este desejo de fácil capitulação sai-lhes frustrado, porque no dia seguinte as grevistas continuam a ficar em suas casas, tendo sempre em riste as armas de São Francisco.

Algumas têm retomado o trabalho, mas naquelas fábricas, cujos industriais aceitam a proposta das grevistas.

Embora de vagar o número destes industriais vai crescendo, à maneira que vão reconhecendo estarem a ser vítimas dum jogo malabar dos maiores potentados.

* * *

Por indicação do delegado da C. G. T. que veio a Aldeagalega por motivo desta greve, a Associação dos Trabalhadores Rurais convidou as direcções dos restantes sindicatos locais a uma reunião magna, que se efectuou ontem, tendo comparecido as direcções dos Rurais, Corticeiros, Construção Civil, Descarregadores de Mar e Terra e a Comissão Central, que também representava a direcção da Associação das Chacineiras.

Aberta a sessão pelo camarada Francisco Simões Júnior, dos Rurais, foi exposto pelo delegado da C. G. T. o fim e os objectivos da reunião, que era saber-se as restantes classes operárias de Aldeagalega estavam ou não dispostas a prestar às chacineiras a solidariedade devida neste momento em que as mesmas estão submetidas, à prova para uma redução nos seus já minguidos salários, facto que se repetiu com as restantes classes no caso dum aliaj improvável derrota das grevistas.

Todos as direcções, pelos seus representantes, declararam reconhecer a máxima necessidade em prestar a solidariedade requerida, à exceção talvez da parte dos descarregadores que são simultaneamente madadores de porcos e que não só têm prestado solidariedade, como nessa qualidade, lhe cumprida, às suas companheiras em luta, mas até se prestavam a fazer aquele trabalho por preços inferiores ao que estava estabelecido na tabela anterior em seu próprio prejuizo e no das grevistas.

Sobre este particular ficou assente que a direcção dos Descarregadores convocaria a classe a uma assembleia especial, na qual tomaria parte o delegado da C. G. T. para na mesma ser tratada aquela questão.

Quanto à solidariedade, dum modo geral, foi aprovado o seguinte documento:

As direcções dos sindicatos de trabalhadores Rurais, Corticeiros, Construção Civil, Descarregadores de Mar e Terra reunidas em sessão magna com a Comissão Central do movimento das operárias Chacineiras e delegado da C. G. T. para apreciar a greve destas camaradas, resolvem prestar às grevistas tóda a sua solidariedade de moral e material e como inicio dessa acção resolverem nomear uma comissão especial encarregada de levar a efeito uma sessão pública para a qual será convidada tóda a classe operária, resolvendo ainda que cada direcção convoque as respectivas classes para em assembleias especiais tratar a questão devidamente, a fim de que essa solidariedade seja rápida e efectiva.

Francisco Simões Júnior, pelos rurais; José Duarte Correia, pelos Corticeiros; António Maria Soares, pela Construção Civil; Hilíodo Dias, pelos Descarregadores de Mar e Terra e Constança Mendes Bastos, pelas Chacineiras.

Por último foi resolvido que a Comissão de que trata aquele documento ficasse composta dos signatários, encerrando-se em seguida a sessão.

ALDEAGALEGA, 18.—As grevistas reuniram no domingo à noite, esperançadas que os industriais lhes enviassem uma resposta ao último ofício que da Associação lhe foi enviado e como nada recebessem só podiam apreciar comunicações extra-oficiais, informações essas que diziam ter os industriais reunido e tomado a resolução de manter a sua primitiva resolução de abater 25 p. c., nos salários.

As grevistas manifestaram-se com um apreciável espírito de revolta contra a atitude dos industriais. Umas proponham que como resposta àquela atitude dos industriais, no caso de se confirmar oficialmente, se lhe apresentasse a reclamação de 1\$20 por hora, outras que se reclamassem a 1\$00 de antes da greve.

Postas à votação as duas propostas foi aprovado, apenas uma por maioria de 12 votos, reclamando o antigo salário.

Hoje, realiza-se um comício público, promovido por tódas as associações operárias locais, para o que foi distribuído o seguinte convite ao operariado:

«Camaradas: Estão em luta as nossas camaradas chacineiras contra os seus industriais por estes teimarem em reduzir os seus já miseráveis salários em 25 por cento. Aquelas nossas camaradas, no intuito de evitar conflitos acederam em os seus salários baixarem 10 por cento. Mas a maioria dos industriais persistem em querer os 25 p. c., eles que, enquanto abatiam os salários aumentavam o preço das miudezas que vendiam ao público numa média de cerca de 60 por cento.

Sabes o que isto significa? Significa que o seu desejo é reduzir a fome aqueles que trabalham. Hoje, são as chacineiras contra as mulheres por as considerarem mais fracas. Mas, se os homens das outras classes trabalhadoras se calarem e nada fizerem, serão por sua vez vitimas dos seus patrões que não lhes perdoarão a fraqueza e aproveitaram para as esburrarem, por sua vez, nos parcos salários que têm auferido.

Nestas condições as direcções das Associações de Classe de Aldeagalega resolvoram em reunião magna, promover um comício para se ocupar desta grave questão, que se realizará na Associação dos Trabalhadores Rurais, na terça feira, 20 do

PROPAGANDA SINDICAL

Os rurais de Vale de Vargo resolvem expurgar a sua Associação da política daninha

VALE DE VARGO, 17.—Na Associação dos Trabalhadores Rurais desta localidade, realizou-se no passado dia 11 uma sessão de propaganda sindical, com enorme concorrência. Sob a presidência do camarada Francisco José Carrasco, tendo a secretaria Jerônimo dos Reis Toicinho, a sessão abriu às 20 horas, falando em primeiro lugar o camarada Francisco Manuel Vicente, que aprecia dum modo geral o estado em que se encontra a organização operária e o perigo que correem todas as regalias conquistadas, exortando todos os trabalhadores a ingressarem nos seus sindicatos a fim de se defenderem contra os manejos da burguesia.

Jerônimo Toicinho, elemento comunista, em propaganda desfavorável ao sindicalismo, considera-o em falácia e impotente de ir mais além; dando-se a comparar a organização operária com um regimento de tropa supõe-há a marcar passo por falta de um bom capitão.

Rebatendo a falsa doutrina de Toicinho, José Bento Guerreiro repudiou a ação nefasta dos políticos comunistas a quem atribui a decadência do sindicato. João de Souza afirma que só a permanência dos comunistas no Sindicato com o seu balé patológico, se deve o ter-se ele conservado afastado da organização; na mesma ordem de ideias se manifesta António Ignácio e outros camaradas da assembleia.

Jerônimo Toicinho, persiste nos seus objectivos políticos, afirmando que os trabalhadores nos sindicatos só poderão conseguir levantar o seu moral, e mais nada.

Francisco Reis faz uma larga descrição dos objectivos sindicais, destacando o lado de aperfeiçoamento moral, material o técnico dos trabalhadores, afirmando que só unidos nos sindicatos os operários têm conseguido regalias, regalias que serão perdidas quando se passar a confiar no poder das leis dos políticos.

António Barradas é de opinião que se nomeie nova direcção, visto a que tem previsões dos destinos do Sindicato ser composta de políticos-comunistas, o que é contraria a letra dos estatutos.

Por proposta de F. Manuel Vicente é nomeada por aclamação a nova direcção que ficou assim constituída: presidente, Benito da Palma Aurélio; secretário, Francisco Manuel Vicente; tesoureiro, Manuel Seita; 1º vogal, António Barradas; 2º vogal, Mário Godinho.

Após o que foi encerrada a sessão.

Com esta nova direcção, composta por elementos sindicalistas revolucionários, é de esperar que o Sindicato dos Rurais de Vale de Vargo, progrida num sentido mais eficiente para o que se repetiu com as restantes classes no caso dum aliaj improvável derrota das grevistas.

Todos os direcções, pelos seus representantes, declararam reconhecer a máxima necessidade em prestar a solidariedade requerida, à exceção talvez da parte dos descarregadores que são simultaneamente madadores de porcos e que não só têm prestado solidariedade, como nessa qualidade, lhe cumprida, às suas companheiras em luta, mas até se prestavam a fazer aquele trabalho por preços inferiores ao que estava estabelecido na tabela anterior em seu próprio prejuizo e no das grevistas.

Sobre este particular ficou assente que a direcção dos Descarregadores convocaria a classe a uma assembleia especial, na qual tomaria parte o delegado da C. G. T. para na mesma ser tratada aquela questão.

Quanto à solidariedade, dum modo geral, foi aprovado o seguinte documento:

As direcções dos sindicatos de trabalhadores Rurais, Corticeiros, Construção Civil, Descarregadores de Mar e Terra reunidas em sessão magna com a Comissão Central do movimento das operárias Chacineiras e delegado da C. G. T. para apreciar a greve destas camaradas, resolvem prestar às grevistas tóda a sua solidariedade de moral e material e como inicio dessa acção resolverem nomear uma comissão especial encarregada de levar a efeito uma sessão pública para a qual será convidada tóda a classe operária, resolvendo ainda que cada direcção convoque as respectivas classes para em assembleias especiais tratar a questão devidamente, a fim de que essa solidariedade seja rápida e efectiva.

Francisco Simões Júnior, pelos rurais; José Duarte Correia, pelos Corticeiros; António Maria Soares, pela Construção Civil; Hilíodo Dias, pelos Descarregadores de Mar e Terra e Constança Mendes Bastos, pelas Chacineiras.

Por último foi resolvido que a Comissão de que trata aquele documento ficasse composta dos signatários, encerrando-se em seguida a sessão.

ALDEAGALEGA, 18.—As grevistas reuniram no domingo à noite, esperançadas que os industriais lhes enviassem uma resposta ao último ofício que da Associação lhe foi enviado e como nada recebessem só podiam apreciar comunicações extra-oficiais, informações essas que diziam ter os industriais reunido e tomado a resolução de abater 25 p. c., nos salários.

As grevistas manifestaram-se com um apreciável espírito de revolta contra a atitude dos industriais. Umas proponham que como resposta àquela atitude dos industriais, no caso de se confirmar oficialmente, se lhe apresentasse a reclamação de 1\$20 por hora, outras que se reclamassem a 1\$00 de antes da greve.

Postas à votação as duas propostas foi aprovado, apenas uma por maioria de 12 votos, reclamando o antigo salário.

Hoje, realiza-se um comício público, promovido por tódas as associações operárias locais, para o que foi distribuído o seguinte convite ao operariado:

«Camaradas: Estão em luta as nossas camaradas chacineiras contra os seus industriais por estes teimarem em reduzir os seus já miseráveis salários em 25 por cento. Aquelas nossas camaradas, no intuito de evitar conflitos acederam em os seus salários baixarem 10 por cento. Mas a maioria dos industriais persistem em querer os 25 p. c., eles que, enquanto abatiam os salários aumentavam o preço das miudezas que vendiam ao público numa média de cerca de 60 por cento.

Sabes o que isto significa? Significa que o seu desejo é reduzir a fome aqueles que trabalham. Hoje, são as chacineiras contra as mulheres por as considerarem mais fracas. Mas, se os homens das outras classes trabalhadoras se calarem e nada fizerem, serão por sua vez vitimas dos seus patrões que não lhes perdoarão a fraqueza e aproveitaram para as esburrarem, por sua vez, nos parcos salários que têm auferido.

Nestas condições as direcções das Associações de Classe de Aldeagalega resolvoram em reunião magna, promover um comício para se ocupar desta grave questão, que se realizará na Associação dos Trabalhadores Rurais, na terça feira, 20 do

O exército, escola da ociosidade e do crime, é o cancro que consome todas as energias do povo que trabalha.



VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas, para se ocupar de vários assuntos.

Câmara Sindical do Trabalho

■ DE LISBOA ■

Comissão instaladora

Reúne hoje pelas 21 horas, devendo comparecer a esta reunião, a dire